

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

# PORTUGUEZA

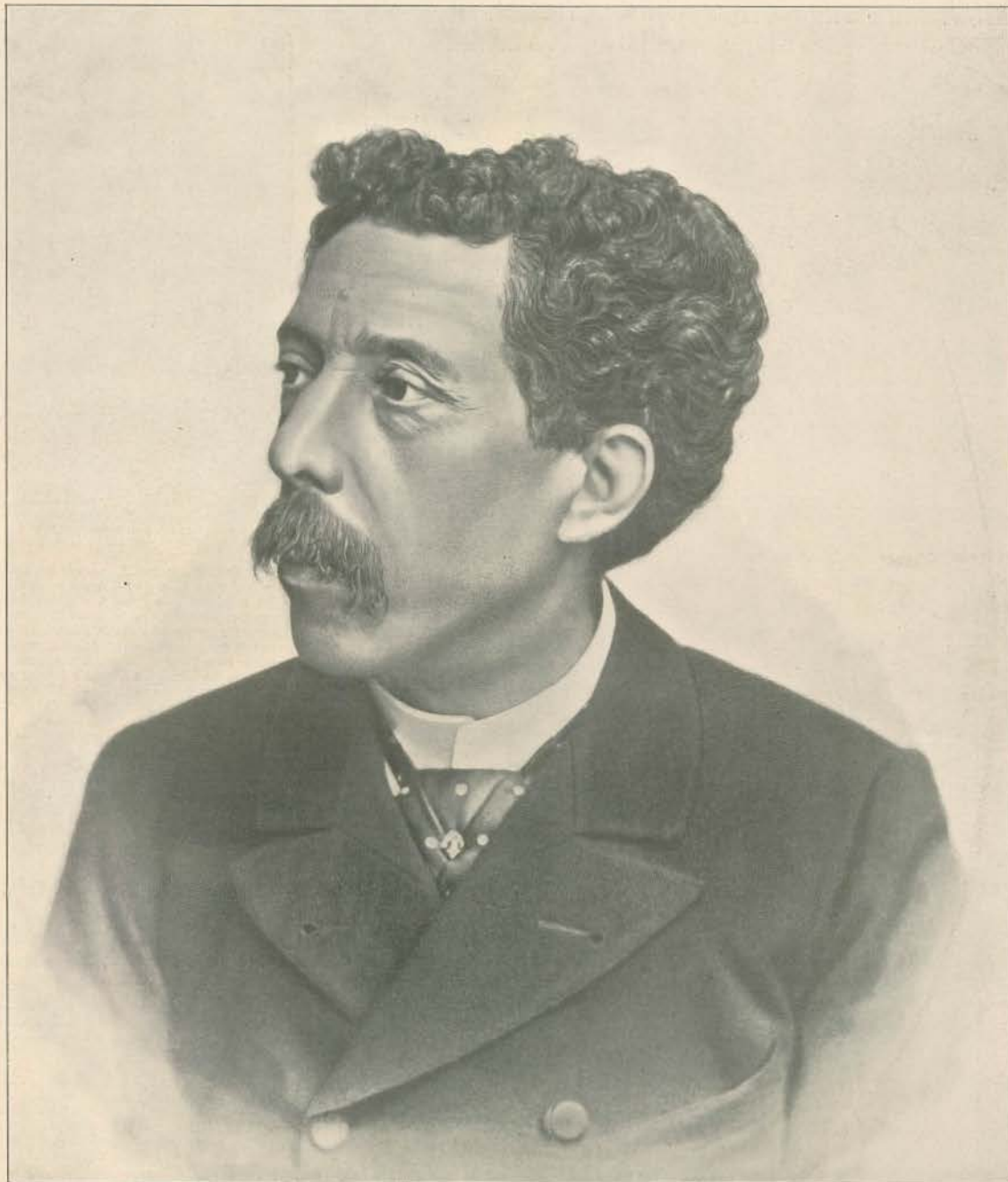
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 7 DE MARÇO DE 1904

NUMERO 18



DR. JOSÉ THOMAZ DE SOUSA MARTINS

Sousa Martins foi uma d'essas figuras extra-ordinarias que representam a honra e a gloria de  
paiz onde nasceram. Ainda estudante ja elle se evidenciava como um talento austero de cousas novas,  
tomado d'um desejo de derruir velhas formulas. Assim o provou com a sua these *(O pneumo gastrico  
preside a tonicidade da fibra-muscular do coração)*. Dois annos depois em 1866 concorreu ao logar  
de demonstrador de anatomia da Escola Medica fazendo a sua these *(A pathogenia vicia d'az dos  
actos reflexos)*.

Tomou posse do seu logar em 29 de setembro d'esse anno e em 1872 foi nomeado lente substituto,  
até que em 11 de dezembro foi investido no cargo de secretario e bibliothecario da Escola, le-

gar que exerceu até 1875 sendo promovido a lente proprietario da cadeira n'este intervalo. Em 1888  
recebeu o augmento d'um terço de ordenado por distinctão de serviços.

Lente da Escola Medica, clinico abalado, escriptor illustre, um verdadeiro homem d'acção e  
de trabalho, Sousa Martins constantemente em contacto com despesas affectadas pela inferencia  
pathologica essa doença que o visitou em 18 de agosto na sua casa de Alvalade, logar onde morreu  
em 7 de março de 1843. Era cavalleiro de S. Thome e membro da Academia das Sciencias e de  
varias sociedades scientificas estrangeiras, e da Sociedade de Sciencias Medicas, tendo recusado es  
aristocracias de pay do reino em 1886.

# CHRONICA

## O que por ahí vai

Villemessant, que foi um homem de talento, mesmo um genio, e que fez o *Figuro* pelo seu grande senso, pela antevisão das cousas, pela analyse rapida, dizia uma vez no *Torloni*, no então desconhecido Aurelien Scholl, quando este lhe apresentava o seu segundo artigo:

— Meu rapaz... Só tinhas no ventre aquella primeira palha...

Scholl, ferido no seu brio, vermelho de vergonha



MEDALHA DE HOMENAGEM A SOUSA MARTINS GRAVADA PELO SEU GRANDE AMIGO CASIMIRO JOSÉ DE LIMA



e sem ter onde cair morto, saiu do *restaurant* e foi procurar a vida. Deu um balanço ao seu talento, andou d'um lado para outro, remexeu aqui, analysou acolá e tornou-se dentro em pouco o primeiro chronista de Paris.

E Villemessant, ao pagar-lhe a peso d'ouro algumas linhas, exclamava radiante:

— Finalmente sempre havia lá alguma cousa...

O caso estava em procurar... Foi o que eu te obriguei a fazer... Agradece-me!

O outro entalou o monoculo no olho e agradeceu-lhe.

Ora a semana tambem esteve, como Scholl, um pouco vasia na apparencia mas bem recheada depois d'uma busca. O caso era procurar.

Vao inaugurar-se a estatua de Sousa Martins que foi um sabio e um coração de ouro; o mestre ficará no seu pedestal, com a Academia aos pés e talhado no bronze das apothecosas.

E essa inauguração, que parece simples, um tanto vulgar mesmo, tem em si uma historia que se toca com aquelle bocado de magnifica prosa de Richepin nos *Morts Bizarres*.

Trata-se d'um homem victima da fatalidade ainda além da campa, porque um canteiro, ao gravar na sua sepultura as palavras *Homme de bien*, enganou-se e escreveu: *Homme de rien*.

E' este o ponto de contacto: Sousa Martins tambem teve uma estatua que era exactamente o contrario do que se queria. A patria quiz prestar-lhe uma homenagem justa, um escultor creou um borrão. Mas o que não teve remedio na historia de Richepin arranjou-se na historia da consagração do mestre: substituiu-se a estatua e, por isso, ella não terá, ao apparecer, a solemnidade d'uma inauguração official.

Vieram os amigos zelosos da memoria do sabio, não a fizeram-lhe um monumento como se lhe fizessem um jazigo, mas sim a substituir outro que a admiração d'um povo lhe offertera. D'ahi a cerimonia simples, sem faldões e sem discursos, a figura grandiosa do Mestre a apparecer pela hora solenne da meia noite, com a Academia nos pés e velada pelos amigos, um dos quaes me dizia ha dias:

— A verdadeira inauguração já se fez... Agora só temos que esperar os primeiros raios do sol para o sagrarem... E, assim, a estatua surgirá n'uma aureola de luz, coroada pelo diadema mais precioso, o do sol que é mandado por Deus!...

E mandados por Deus ao mundo são tambem os corações bondosos que se comprazem em mitigar as dores, em fazer o bem: Ha dias inaugurou-se um hospicio para creanças, um recanto onde ellas podem viver a coberto dos perigos das ruas; inaugurou-se á sombra d'uma cruz: a da caridade! Ha dias tambem, á sombra d'uma outra cruz, se fazia um appello a todas as almas.

E entre aquella cruz alva da caridade e a Cruz Vermelha que faz o seu appello não ha distancia. Uma responde aos males sociaes

com o seu hospicio, a outra responde ao troar dos canhões no Extremo Oriente, á galgada doida dos esquadrones, ao rompageo épico da metralhada, com o seu pedido de socorros para os feridos russos e japonezes, sem marcar distancias, porque o sangue que corre é de homens que devem ser irmãos!

Mas isto de querer fraternidade no mundo é apenas um bello sonho. Senão veja-se como a Aca-



O LIVRO DE HOMENAGEM OFFERECIDO PELOS CURSOS MEDICOS DE TODO O PAIZ AO DR. SOUSA MARTINS

mia, aquelle canteiro de sabios, anda em desordem. Parece o parlamento, que é apenas um retiro de simples mortaes. Esta guerra d'academicos quer dizer que, mesmo nos dominios da immortalidade, se arrancam os punhaes. O sr. Cabreira atirou polygonos ao sr. Campos Rodrigues, que, por sua vez, lhe atirou troncos de cone; por fim o primeiro academico joga ao inimigo a *Resposta á lettra* e a Academia joga a expulsão ao seu socio.

Bem diz o povo que nem os dedos da mesma mão são eguaes.



MEDALHA DE HOMENAGEM A SOUSA MARTINS GRAVADA POR SIMÕES D'ALMEIDA SOBRINHO

Assim indignados, os sabios lembram a maruja das esquadras inglezas que vinham antigamente ao nosso porto a atirar-se, fera e rija, de box em punho, aos nossos catrneiros. Isso passou de moda. Temos ahí uma esquadra ingleza e nem se dá por tal nos sitios da Ribeira Nova, a não ser nas tabernas. O fôco da insurreição mudou-se ali para Jesus, ao que parece. E os sabios tambem tecem para o sr. Cabreira aquella phrase final dos marujos inglezes, depois d'escurrados, aquella phrase que era uma delicia para as guelhas e para as relações internacionais:

— You drink... que é como quem diz: Você bebe alguma cousa?!

Os da Academia tambem offerecem ao ex-socio para beber... a taça da amargura!

ROCHA MARTINS.



O MONUMENTO LEVANTADO NA SERRA DA ESTRELLA Á MEMORIA DE SOUSA MARTINS A HOMENAGEM DE DOIS DOS SEUS DOENTES



A SR.ª D. MARIA DAS DORES SOUSA MARTINS  
 Mãe do grande médico Sousa Martins

Cópia d'um quadro de Miguel Angelo Lupi a qual foi legada pelo professor a sua irmã D. Gertrudes, para ser colgada à Academia de Belles Artes.



O ESCULTOR COSTA MOTTA  
 O autor de bustos e obras diversas

É um dos mais illustres escultores portugueses, achando depois de seu pessoal trabalho, o movimento a All-gem d'Albuquerque, vindo agora, a estatua a Sousa Martins confere-se os seus trabalhos de grande artista.



Sousa Martins foi delegado do governo a conferencia sanitaria realizada em Veneza e a qual concorreram celebridades medicas de grande nome. Quando voltou d'esta cidade commoçou a aggravação de seus padecimentos, tendo estado alguns tempos a Beira da Estrella.

A elle se devia o primeiro passo em Portugal para a cura de tuberculose pelas altitudes, pois fora em 1881 a mais poderosa elemento da accção scientifica aquella terra, esta devia-se formar-se sanatorio. Ainda não se chegou a portos de que se tratao Italia e seu methodo especial e ja Sousa Martins se achava d'uma - contrahido. Depois fallava de tuberculose da doença, Wilhelmia attribuida a um cirurg e Koch commoça a descoberta do bacillo e se chegou a distincto methodo portuguez, applicando viagens Italia ao High Kalm, na Beira, tentava a applicação da cura de terra pelas altitudes e foi desde logo grande diligencia para se fazerem applicações onde se fosse possível ao melhor modo.

Porém a sua enfermidade avassalava demais, elle passava horas a fio na sua enfermaria, da qual soltava os seus olhos sobre os tuberculoses que se lhe apresentavam e como já estivesse affectado dos pulmões e por consequencia prostrado para a doença, foi por ella atacado e quando quiz arriar-lhe já era tarde. Mas logo á sua ida para a Beira da Estrella ainda commoçava uma vaga esperança, que o obrigava a sobreviver a um anno.

A minha doença tem sido varias contrahidoes que se tem levado a desmor de cura; mas o tempo já está a fugir e espero que vá a bom porto.

Da Beira da Estrella foi para Alhandra, onde falleceu.

SOUSA MARTINS COM SUA IRMÃ A SR.ª D. LEONOR SOUSA MARTINS, EM VENEZA,  
 POR OCCASIAO DA CONFERENCIA SANITARIA EM 1880



CONSELHEIRO LUIZ A. PIMENTEL PINTO  
Ministro da guerra



JOSÉ LUIZ MONTEIRO  
Arquitecto da camera municipal de Lisboa



JOSÉ D'ABECASSIS JUNIOR  
Engenheiro d'obras publicas



CORONEL MATHIAS NUNES  
Director tecnico da Fundação de Ganhões



MANUEL FRANCISCO VARGAS  
Ex-ministro das obras publicas



JOÃO DA COSTA COURAÇA  
Engenheiro chefe d'obras publicas



ANTÓNIO MARIA D'AVELLAR  
Engenheiro da camera municipal de Lisboa

A substituição da antiga estatua de Sousa Martins foi um d'esses actos de justiça que devem ficar registados. A' custa de trabalhos sem conta, de muitos esforços, de uma luta titanica, conseguiram finalmente levar a cabo essa espinhosa tarefa, para a qual contribuíram com os amigos do fimado sabio algumas pessoas que merecem elogios, quasi dignas de todos os louvores. Publicamos os retratos d'alguns dos cavalheiros que mais concorreram com o seu auxilio valioso e com o seu tra-

balho para que uma nova estatua do grande medico fosse collocada no lugar onde se demolia a antiga, deveras irrisoria e grotesca. O requerimento para se fazer a demolição foi apresentado a Camara em 12 de setembro de 1900 e o despacho da Camara autorizando a substituição e de 16 de novembro do mesmo anno, começando a destruição do monumento em dezembro.



APRESENTAÇÃO DAS CREDENCIAES DO NUNÇIO DE S. S. A S. M. EL-REI—A PASSAGEM DO CORTEJO

Monsenhor José Marchi, nuncio de S. S. em Lisboa, apresentou em 1 de março as suas credenciaes a S. M. El-Rei no real paço d'Ajuda. Assistiram ao acto, além do sr. ministro dos estrangeiros, muitos membros das casas civil e militar d'El-Rei. O cortejo occupou-se no pátio da pousadoura pela 1 hora da tarde e poz-se em marcha pela ordem seguinte: Um esquadrão de cavallaria, a carruagem do nuncio, dois coches da casa real puxados 'a tres parelhas' e ledados por seis creoulos e logo a seguir aquelle onde la Sua Excelle-

cia com o sr. conde das Alcaçovas, que desempenha as funções de introduzidor, e a fechar o cortejo um outro esquadrão de cavallaria. A' volta do real paço d'Ajuda, o sr. nuncio esteve nas Necessidades falando com S. M. a Rainha Senhora D. Amélia. O título do novo delegado do Papa é o de arcebispo de Thessalonica; o mesmo que usou o virtuoso prelado portuguez Sr. Ignacio Martins, que foi confessor da rainha D. Maria I.



A RUA SOUSA MARTINS EM ALHANDRA

Sousa Martins era conhecido mesmo no estrangeiro, onde o mundo scientifico o respeitava. E era tal a importancia em que o tinham que foi nomeado socio correspondente da Academia de Bruxellas, que raramente confere esta distincção a estrangeiros.

Dado o congresso de Veneza que se ligara muito com grandes medicos francezes, os quaes não deixavam de se corresponder com elle trocando as suas impressões acerca dos casos novos que se debatiam pelo mundo.

O illustre clinico era, alem d'um sabio, um escriptor de talento, como brillantemente o demonstrou em diversas memorias e sobretudo com a sua nosographia sobre Anthero do Quental. Então ainda Max Nordau não oscraveira o seu livro; do universal reputação *La Degenerescence* e Sousa Martins no seu trabalho fazia affirmações que o sabio allemão devia expor n'esse mesmo anno no monumental livro. Logo que teve conhecimento da obra, o grande medico escreveu a Nordau convidando-lhe a sua admiração, o que lhe valen uma carta do auctor da *Psycho-physiologia do genio e do talento*, por signal muito bem escripta em portuguez, e na qual se declarava



O TUMULO DE SOUSA MARTINS NO CEMITERIO DE ALHANDRA



A CASA ONDE NASCEU SOUSA MARTINS EM ALHANDRA

tambem um seu admirador, dizendo-lhe que ambos se tinham encontrado no mesmo ponto, o que estimava. Alem d'este trabalho ficou memoravel tambem o compendio das suas 90 lições da Escola Medica que foram colligidas e ainda hoje servem para uso dos estudantes. Em medicina legal Sousa Martins apresentou o arrojado trabalho sobre o caso de Joanna Pereira, cuja absolvição foi durante muito tempo objecto de discussões. O illustre clinico brillou substancia no ser chamado para perito no crime sensacional de que ella era accusada.

Deixou tambem varios trabalhos acerca do cholera e do regimen das quarantenas, que tão notado o tornaram no congresso de Vienna; tratou em successivas memorias intrincados casos de biologia e de physiologia, de doenças nervosas, assim como o papel da medicina legal no caso Vieira de Castro, que tanto brado deu em todo o paiz e provocou alguns artigos a Camillo Castello Branco. Deixou, pois, muitas obras todas de valor altissimo e que lhe deram a grandiosa reputação de que gozou e a qual se prolongou alem da campa a mostrar quanto e caro aos seus concidadãos a sua memoria.



OS MEMBROS DA CONFERENCIA SANITARIA DE VENEZA EM 1896 A QUAL ASSISTIU SOUSA MARTINS COMO DELEGADO DO GOVERNO PORTUGUEZ

A conferencia sanitaria de Veneza foi feita por proposta do governo austriaco, ante o grande desenvolvimento da peste bubonica em 1896; Era necessario tomar-se providencias na Europa, e d'aqui a realisação do congresso sanitario á semelhança d'outros que já se tinham reunido em occasões identicas. Sousa Martins fuz delegado no de Vienna em 1874 e á volta recebeu o habito de S. Thiago pela maneira brillantissima como desempenhara o cargo.

Era elle o homem indicado para representar Portugal n'essa nova reunião de sabios e o sr. conselheiro João Franco, entao ministro do reino, sollicitou de Sousa Martins que accelliasse a nomeação. O grande mestre partiu para Veneza em 3 de fevereiro com sua irmã a sr. D. Leonor Sousa Martins Pereira e sendo convidado para 2.º delegado o distincto clinico D. Thomaz de Melo Breyner.

As potencias tinham enviado os seus grandes medicos a essa reunião, na qual, alem da questão propriamente scientifica, havia ainda a salvaguardar diversos interesses. Pela França estava o dr. Brocardet, a Belgica enviava o dr. Emmengen, lente da Universidade de Gand, a Inglaterra mandava o dr. Thore-Thorn, uma legitima estorbidade; todas as outras nações, mesmo o Egypto e a Turquia, tinham dado o encargo da sua representação aos grandes mestres do mundo scientifico.

Foi, pois, no meio d'estes sabios que o illustre homem de sciencia brillou, a ponto de, apodalgumas sessões, ser proposto para presidente da commissão de prophylaxia da Europa, o que admirou alguns dos membros do congresso, como o delegado ingles, os quaes foram depois os primeiros a felicitar Sousa Martins e a confessar-lhe a sua admiração.



## OS APOSENTOS DE SOUSA MARTINS

O QUARTO DE CAMA—A SALA DE VISITAS—A SALA DAS CONSULTAS—A SALA DE ESPERA PARA AS CONSULTAS

Por este tempo, em 1897, morava Sousa Martins na Rua da Escola Polytechnica, 139, 2.<sup>o</sup> Foi esta a ultima casa que o illustre clinico habitou em Lisboa. A' sua volta de Veneza em 1886 e após a sua estada na Serra da Estrella, mostrou logo desejos de ir para Alhaurra, onde contava morrer na sua pequena casinha do Monte, a um quarto de hora da villa. Sentia-se irremediavelmente perdido e via approximar-se a sua ultima hora n'uma fria certeza. De certo seguiu como sabio profundo a marcha de decaer, pois chegou a fazer o seguinte diagnostico: Quando vier o fastio podem contar que não duro oito dias. Por agora não tomarei leite, prometto porém bebel-o depois do dia 18.

Era como se estivesse fazendo uma experiencia n'um bello caso, parecia querer certificar-se, seguindo passo a passo os symptomas da enfermidade no privar-se da bebida, seu unico alimento. A' 7 dias horas da manhã d'esse mesmo dia 18 o grande medico fallecia. Ainda dias antes de morrer não queria recobrar ao leito; ia até á porta de casa, sentava-se n'uma cadeira e ficava-se a olhar os campos e a igreja onde fora baptisado ao lado do cemiterio onde devia repousar. Os seus medicos assistentes eram os srs. drs. Mouton e Gregorio Fernandes, que se alternavam nas vigílias ao enfermo. Na noite de 18 d'agosto, Sousa Martins pediu a este ultimo medico que se fosse deitar e acerescentar: Eu tambem vou decaer. E dentro em poucos momentos morria.



A BENÇÃO DA BANDEIRA



O SERMÃO  
A BENÇÃO DA BANDEIRA NA ESCOLA DO EXERCITO EM 28 DE FEVEREIRO

Chamem! a escola militar de Saint-Cyr o mais bello regimento de França. O mais bello regimento de Portugal poderemos chamar a brilhante pleiade da Escola do Exército que, n'um domingo glorioso de 2 luz, alto e martial, jurou diante de SS. MM. fidelidade à bandeira que acabava de ser sagrada pelo rev. Pereira Salles, capellão de engenharia.

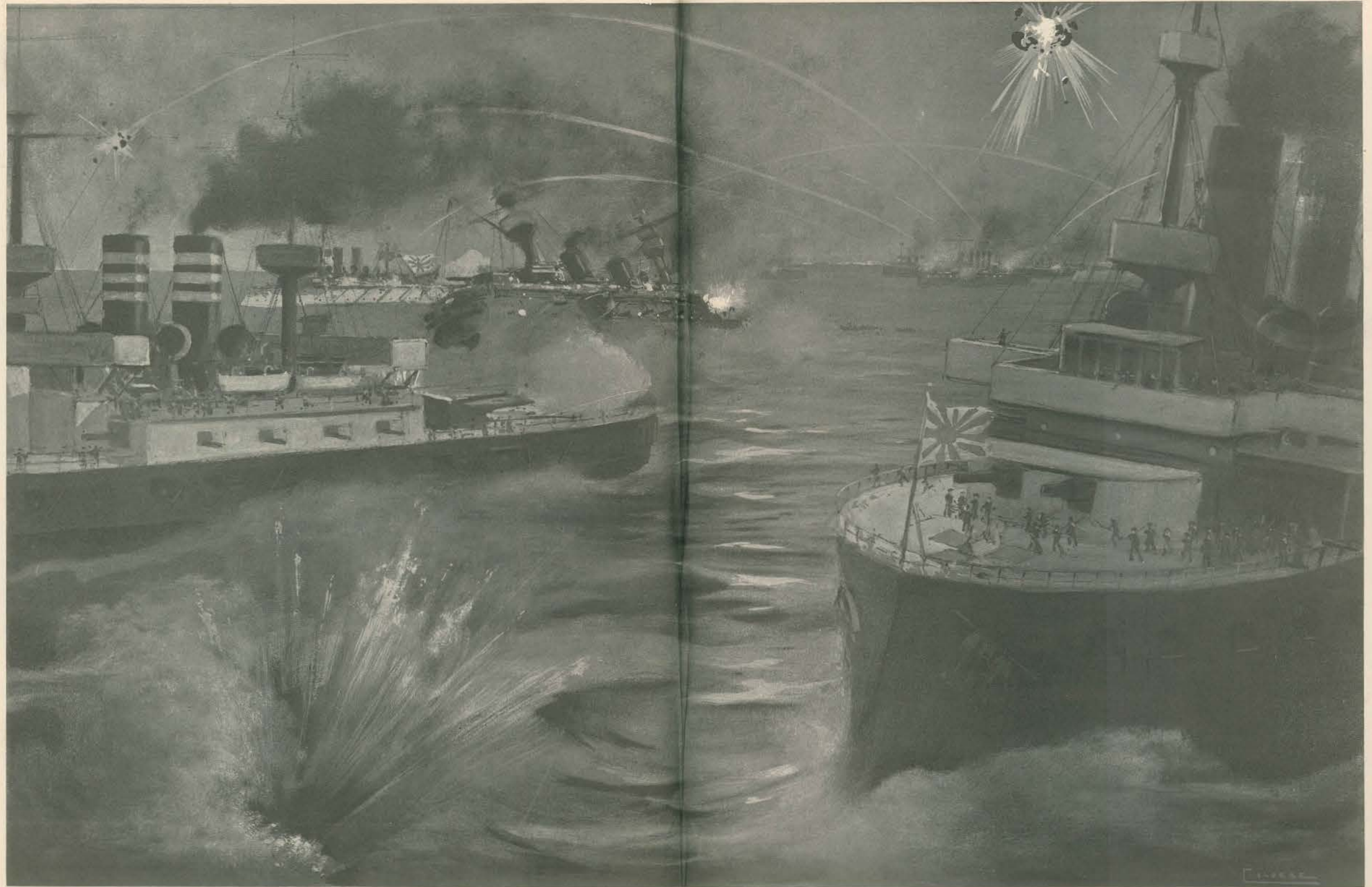
Com um intenso fremito de patriotismo, com um sangue novo a arder nas veias, os futuros officios prestavam o seu juramento a essa bandeira, offerta de S. M. E. Rel. Estava cheia de damas a parada da Escola, a luz era forte e deslumbrante, acrobataavam as saídas suas e calavasse uma marcha guerreira para se celebrar o officio divino. Lá ao fundo armava-se um altar rito e puro, indavam-no sete alminhos a' uma guarda de honra com as suas lanças em continencia, os pelotões formavam em linha. Alguns velhos officios dispersos na multidão ergoavam a hora benedita em que prestaram o seu juramento à patria. Ouvia-se uma voz de commando, soum um clarim, todos os joelhos se dobraram, SS. MM. ajoelharam tambem nas almofadas de velludo, e safo sacerdote fizeo de pé segurando essa bandeira que acabava de benzer e a qual entregava a E. Rel.

Espectaculo grandioso e imponente, como nenhum outro, recorda paginas da historia, é um incantamento o é uma commoção.

Por uma bandeira assim se formavam heros como a *Decapada*, por uma bandeira que buscavam allear, sobre Vasco Martins, nos tempos da rainha Leonor Telles, dar uma lição a Castella.

Tinhámos então os escudos de Portugal e Castella na mesma bandeira, eliminava-se assim o ruino e era Vasco Martins, um cavalleiro portuguez, quem devia apresentar essa bandeira á sagração d'um nioço. Olhos o estandarte, visto bem e entregou-o a um castelhano; foi épico e foi simples; isto não ó nada, disse C. le. E partiu n'uma galopada para o Guadiana, empuante o vento rasgava a bandeira corco do ponto onde os dois escudos se uniam.

Tudo isto a ser recordado, mais grandiera dos aquella cerimonia, á qual assistiram, além de SS. MM. e de SS. AA. grande numero de officios e de senhoras que davam um tom parrido, uma nota deliciosa aquella recinto, onde se sagrava a bandeira do mais bello regimento de Portugal.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA — O COMBATE MARÍTIMO DE PORT-ARTHUR: — O ATAQUE DOS TORPEDEIRAS

(Segundo um croqui)

Por um telegramma de Paris de dia 8 de Fevereiro de 5 a 10 da tarde combe-se que o dr. Motom, ministro do Japão, n'aquelle cidade declarara ter o seu governo quebrado as negociações com a Rússia. E n'esse mesmo dia o jornal official de S. Petrosburgo inseria o seguinte telegramma do almirante Alaxeff, commandante da esquadra russa, dir' gido ao imperador: "Tudo a hora de Informar V. M. de que pela meia noite de hontem para hoje uns torpedeiros japoneses tentaram fazer ir pelos ares subitamente, por meio de minas submarinas, a esquadra russa que se achava fora da enseada de Port-Arthur. Os contratorpedeiros *Rehman* e *Turwitsch* e o cruzador *Pallada* soffreram avarias. Estes navios vão ser examinados para se conhecer dos seus estragos." Foi pois durante a noite que os japoneses se acercaram dos navios russos; enquanto a marinhagem dormia, lançaram os torpedos; houve um alarme e os barcos, tendo soffrido grandes rombos, começaram metter agua. Na manhã recolheram ao porto, enquanto a esquadra japonesa tentava bombardear a cidade. No ataque os russos tiveram 19 mortos e 36 feridos, sendo de 26 o numero dos navios russos. A esquadra japonesa compozi-se de 17 cruzadores equipados e de 29 torpedeiros. Assim começou a guerra russo-japonesa, por uma audaciosa surpreza, que deu desde logo vantagens enormes ao povo do Extremo-Oriente. Commandava as forças atacantes o vice-almirante Togo, que tem dado provas de grandes conhecimentos e d'uma grande coragem. No commando d'esses japoneses que avançam para a batalha sem hesitação, tendo como a sua maior gloria moverem pela patria. Na sua frente os russos fazem outro tanto como verdadeiros bravos, o que se tem provado nos combates travados em Chemulpo e em Port-Arthur.





O SALÃO DE ROMA

RETRATO DO SR. O'CONNOR MARTINS, SECRETARIO DA EMBaixADA DE PORTUGAL, OBRA DO PINTOR HESPAÑHOL SANCHEZ DE BARDUDA, EXPOSTO NO SALÃO DE ROMA



A PROCESSÃO DO SENHOR DOS PASSOS DA GRACA, EM SEXTA FEIRA 26 DE FEVEREIRO

Essa bella imagem do Senhor dos Passos, que sahio em procissão da igreja da Graça para S. Roque e d'esta volta para a Graça, tem uma lenda e tem uma historia. A lenda já a publicamos n'um passado numero da *Illustração*; a historia é singela e tocante.

No tempo de D. Sebastião, quando havia muita fé e muitos heróismos, um certo Luiz Alvares de Andrade, pintor, costumava reunir-se com alguns amigos no claustro de S. Roque, entregando-se a grandes devoções. Deliberação então fundar uma confraria e communicaram o seu projecto aos padres jesuitas, que, mais preoccupados com a governação do que com a fé, recusaram accèssar a proposta.

Dirigiram-se então os rapazes aos padres graçanos, que lhes deram para acção da confraria uma capella no seu convento. Luiz

Alvares comprou por tres cruzados uma má escultura da cabeça de Christo e offerceoa-a aos padres, depois de a ter offertido aos jesuitas. Per-se então a imagem, começou a devoção, e a Companhia de Jesus entrou em litigio com os graçanos, basando-se na prioridade de direitos, visto a imagem lhe ter pertencido. Isto foi no anno de 1577 e logo no seguinte se fez a procissão, como ainda hoje se usa. Isto é, vindo o Senhor dos Passos ficar a noite a S. Roque e sendo conduzido no dia seguinte para a Graça onde se venera todo o anno.

A confraria tem grande numero de devotos e a ella pertencem membros d'algumas familias da nobreza, que assim seguem a tradição dos seus maiores.



A VISITA DE SS. MM. A ESTATUA DE SOUSA MARTINS EM 28 DE FEVEREIRO  
 SS. MM. EM FRENTE DO MONUMENTO — S. M. DIRIGINDO-SE AO MONUMENTO — A ESTATUA

Antes de se dirigirem à Escola do Exército, onde se realisava a benção da bandeira, estiveram SS. MM. e AA. no Campo de Sant'Anna, em frente da nova Facção Medica onde está a estatua do grande medico. Estavam ali alguns dos membros da commissão executora sr. drs. Hygino de Sousa, Carvalho Monteiro, Serrano, Augusto de Vasconcelos, Henrique Montou, Eduardo d'Oliveira, Moiz Tavares, D. Antonio de Lezavastre e o nosso prezado amigo Casimiro José de Lima, mais os sr. presidente do conselho, governador civil, vereadores Carvalho Pessoa, Sabino de Sousa e conde de Resende.

SS. MM., dirigindo-se ao nosso amigo Casimiro José de Lima e ao esculptor sr. C. da Matta,

felicitaram-os, o primeiro d'estes cavalheiros pelo successo da empresa a que se atalhamos, e o segundo pela magistral execução do trabalho.

O velho actor Taborda, que foi um dedicado amigo de Sousa Martins, all esteve tambem prestando a sua homenagem, e S. M. El-Rei, no momento da despedida, dirigiu-se ao illustre velhinho e apertou-lhe affectuosamente a mão.

Foi um grande momento aquelle em que os regios visitantes, felicitando os promotores da homenagem ao grande mestre, lhes affirmaram o seu jubilo em verem realisado esse trabalho todo de justiça, todo de tributo á memoria de quem tanto honrou a patria.



SOUSA MARTINS  
Estudante do Lyceu



SOUSA MARTINS  
Estudante da Escola Medica



SOUSA MARTINS  
Por occasião do congresso  
de Viena (1874)



SOUSA MARTINS  
Estudante da Escola Polytechnica



SOUSA MARTINS  
Em 1878



SOUSA MARTINS  
Lente da Escola Medica

A INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE SOUSA MARTINS

Pela meia noite de 6. de março se realisou essa cerimonia simples, que consistiu apenas em se retirar o tapume que vedava o recanto e se descobrir a estatua. Não se fizeram festas officiaes, porque se tratava apenas de substituir um monumento. A inauguração official d'uma outra estatua do mestre tivera lugar em 7 de março de 1892.

Esse monumento mediu 8 metros de altura e sobre uma base octogona estaviam as armas reais. Na columna havia duas conchas que recolhiam agua de duas fontes que a lufavam. Na face anterior estava a figura do dr. Sousa Martins vestido de beca e sentado a receber uma flor que lhe offerecia uma esgrima mulher sentada nos degraus da estatua. Na face posterior estava uma outra figura feminina, que se dizia o symbolo da sciencia. Em roda estendia-se um tapete de verdura e por baixo do vulto do grande mestre lia-se: *A Sousa Martins, por subscrição publico—1843-1897*. O autor do trabalho era um escultor de nome Aleixo Queiroz Ribeiro, que se encontra actualmente na Roumania.

Tempo depois da inauguração d'essa estatua, começou a cotar-se o lado ridiculo, o profundo grotesco do trabalho, e levantou-se uma grande esclam. um verdadeiro protesto. E então os amigos do sabio, com a commissão executiva da subscrição, delliberaram solicitar do governo a demolição do monumento, o que foi concedido, rompendo esses trabalhos em dezembro e sendo desde logo encarregado o escultor Costa Motta de apresentar um projecto para uma nova estatua, a qual foi fundada na Fundação de Cambões sob a direcção do sr. coronel Mathias Nunes. Assim que se concluiu o trabalho mandou-se a estatua para o Campo de Sant'Anna, onde já estava a figura da Accademia, que fica na base do monumento e é tambem obra d'aquelle distincto artista.

Agora ali fica exposta ao publico a nova grandiosa consagração ao vulto do sabio, tendo-se feito esta substituição a custa de grandes trabalhos, nos quaes teve uma assignalada parte o amigo intimo de Sousa Martins sr. Casimiro José de Lima.

NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO

SOUSA MARTINS

EM

7/3/04

Ao seu — entre tantos — maior e mais dedicado amigo, que tão distintamente collaborou na realisação d'aquella homenagem, o ex.<sup>mo</sup> sr. Casimiro José de Lima.

Chegou, enfim, a hora desejada!  
O morto, o grande morto, estremecido  
sido agora no bronze resurgido!...  
Honroso preito a uma memoria honrada!

Vedeo no monumento all erguido!  
Que bella fronte! alta! illuminada!  
— E a Morta prostrou-se! — a insculpada —  
que não extrema um santo d'um bandido!

Assalto-o imprevisto e brutalidade,  
em plena irradição da sua gloria,  
a morte da carreira reluzente...

Não foi completa, o Morto! essa victoria,  
que a nossa dor revivo-o no presente,  
e sagrou, no futuro, a mão da Historia!

ALLVES CRESPO.



SOUSA MARTINS

Copia do quadro de Salgado que está na sala da Sociedade de Sciencias Medicas.



CASIMIRO JOSÉ DE LIMA

Um dos mais devotados amigos de Sousa Martins a quem se deve grande parte dos trabalhos para a substituição de estatua.



## OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Como ia dizendo, o medico distribuiu remedios enquanto os houve, e a sua reputação é hoje grande na Galiléa. Entre os seus doentes estava a creança da filha do sheik — porque até esse pequeno e esfarrapado magoto de doentes e herejes tinha o seu sheik real — uma pobre e velha muma, que mais parecia estar recolhido n'um asylo de mendicidade que investido na principal magistratura d'esta tribu de selvagens sem amparo e sem cauisa. A princeza — isto é, a filha do sheik — contava apenas treze ou quatorze annos de idade, e tinha um rosto muito meigo e formoso. Era a unica mulher da Syria que até agora tínhamos visto que pudesse sorrir-se depois das dez horas de sabbado á noite, sem fazer ao preceito do dia de descanso. Contudo, a creança era uma migalha de gente, que mal chegaria para fazer um pastel, e olhava para tudo que a rodeava com um ar tão supplicante (como se nutrisse o pensamento que a sua vez era agora ou nunca) que nos enchemos de compaixão, verdadeira, e não fingida.

Mas o meu novo cavallo está tratando de partir o fechinho nas cordas das barracas, e tenho de lá ir para o prender. Jerichó e em apartámo-nos. O novo cavallo não é motivo para grandes jactancias, creso. Tem uma das pernas torta, e a outra é direita e esticada como um pau de barraca. Falta-lhe a maior parte dos dentes, e é cego como um morcego. Pendê-lhe o labio inferior como aos camellos, e tem as orelhas espetadas. Encontrei a principio certa difficuldade em achar nome para elle, mas afinal conclui por lhe chamar Balbec, pela razão de elle ser uma ruina assaz majestosa. Não posso deixar de falar dos meus cavallos, por ter adeante de mim uma longa e fastidiosa jornada, e elles occupam naturalmente os meus pensamentos como se fossem outros assumptos de muito maior importancia.

Contentámo-nos os nossos peregrinos fazendo essas penosas jornadas de Balbec a Damasco, mas o cavallo de Daniel e o de João ficaram tão estropiados que fomos obrigados a deixá-los, substituindo-os por outros animaes. O drogan diz que o cavallo de João morreu. Negociei os cavallos com Mohammed, o egypcio de real aspecto, que é o immediato do nosso Ferguson. Já se vê que por Ferguson pretendo significar o nosso drogan Abraham. Não tomei este cavallo por causa da sua apparencia, sim porque não lhe vi o lombo. Nem desejo vê-lo. Vi os de todos os outros cavallos, e achei-os pela maior parte cobertos de terribes mataduras, que sei que não foram lavadas nem tratadas durante mezes. A idéa de andar a cavallo todo o santo dia em tão phantasticas inquisições

de tormento mortifica uma pessoa. O meu cavallo ha de ser como os mais, mas tenho, pelo menos, a consolação de não saber que o é.

Espero que para o futuro seroi um pouco mais poupado quanto á idolatria que tem o arabe pelo seu cavallo. Na minha infancia eu suspirava por ser um arabe do deserto, ter um lindo corcel, e chamar-lhe Selim ou Benjamin ou Mohammed, e alimentá-lo com as minhas mãos, deixá-lo vir para dentro da barraca, e ensiná-lo a fazer-me festas, e a olhar amorosamente para mim com os seus grandes olhos ternos; e desejava que um estrangeiro entrasse n'essa occasião e me offercesse cem mil dollares por elle, de maneira que eu pudesse fazer como os outros arabes — heitar, commover-me com a somma do dinheiro, mas, dominado pelo meu amor pelo cavallo, dizer por fim: «Separar-me de ti, meu lindo! Isso nunca em toda a minha vida! Fora, tentador, desprezo o teu ouro!» e saltar logo no sellim e correr pelo deserto como o vento!

Retraeto-me, porém, d'essas aspirações. Se estes arabes são como os outros arabes, o seu amor pelos seus bellos cavallos é um embuste. Aquelles que conheço não tem amor nenhum aos seus cavallos, nem dó d'elles, e não sabem a maneira de os tratar ou cuidar. A almofada do sellim syrio é uma enxerga acolchoada de duas ou tres pollegadas de espessura. Nunca se tira do cavallo, nem de dia nem de noite. Enche-se de imundicie e de cabelo, e humedece com o suor. Está pegada ás feridas que gora. Esta gente nunca pensa em lavar o lombo dos cavallos. Nem tambem os recolhem em barracas: ficam ao ar livre, e hão de apanhar o tempo que fizer. Contemplate-o misero, pelado e lapidado Balbec, e lastimo o sentimento que se tem desperdiçado com os Selins de romance!

### XV

Dan-Basan-Genezareth.—Um panorama natural.—Pequenez da Palestina—Migalhas de historia—Natureza do pais—Pastores beduinicos—Relances do remoto passado—Os beduinicos do sr. Grimes—Um campo de batalha de Josue—O modo de pelajar d'esse soldado—Batalha de Betrae—A necessidade de ignorar certas cousas—Associação.

Córca de uma hora de jornada á cavallo por uma má estrada pedregosa, meio inundada, e atravez de uma floresta de carvalhos de Basan, e estavam em Dan.

De um pequeno terrapleno d'esta planicie brota uma larga corrente de agua limpida, e forma uma grande lagoa baixa, d'onde aquella rompe depois furiosamente,

acrescida no volume. Esta poça é uma origem importante do Jordão. Tanto as suas margens como as do ribeiro estão muito bem adornadas de loureiros rosas, mas a belleza indizível do sitio não lançará um homem bem equilibrado em convulsões, como os livros de viagem na Syria levariam qualquer a suppor.

O sitio de que falo aqui dista tres milhas da Terra Santa, dentro de cujo ambito andamos ha uma hora — mal temos por ora começado a apreciar que nos achamos em qualquer terra differente d'aquella que temos percorrido, e, contido, vêde como os nomes historicos começam a pullular! Dan — Basan — o lago Huleh — as origens do Jordão — o mar de Galiléa. Todos á nossa vista, excepto o ultimo, que não fica muito distante. A pequena cidade de Basan foi outr'ora o reino tão celebrado na Escripura pelos seus touros e carvalhos. O lago Huleh vem a ser as biblicas «Agua de Morom». Dan foi a extrema norte da Palestina, bem como Beersheba a extrema sul — d'onde deriva a locução: «de Dan a Beersheba». Equivale nos nossos dizeres: «de Maine a Texas» — «de Baltimore a S. Francisco». A nossa expressão e a dos israelitas significam a mesma cousa. — Com estes vagarosos camellos e burros, seria de sete dias, pouco mais ou menos, a jornada de Dan a Beersheba — quer dizer cento e cincoenta ou cento e sessenta milhas — a extensão completa do paiz, que não se devia emprender sem grandes preparativos e muitas ceremonias. Quando o filho prodigo foi para «uma terra muito distante», não é provavel que se affastasse para mais longe do que oitenta ou noventa milhas. A Palestina não tem maior largura que quarenta ou sessenta milhas. O Estado do Missouri poderia ser repartido em tres Palestinas, e ainda havia de ficar espaço bastante para uma parte de outra — naturalmente uma inteira. De Baltimore a S. Francisco vão muitas mil milhas, mas será uma jornada de sete dias apenas em carros, d'aquí a dois ou tres annos. Se eu viver, hei-de necessariamente atravessar o continente uma vez por outra n'esses carros, mas uma jornada de Dan a Beersheba será, sem duvida, sufficiente. Deve ser a mais custosa das duas. Consequentemente, se chegámos a descobrir que ir de Dan a Beersheba parecia um estirão formidavel aos israelitas, não fazemos pouco d'elles, mas ponderemos que era e é, com effeito, um estirão formidavel, quando se não pode atravessar em caminho de ferro.

O pequeno terrapleno em que falei ha pouco foi outr'ora occupado pela cidade phenicia de Laís. Uma partida de fibusteiros de Zorah e de Eschol apoderaram-se d'esse



paiz — um ou dois acres de bello terreno guarnecido com as hastas cortadas do trigo da ultima colheita, da grossura de um dedo pollegar e ainda mais. Em terra semelhante era um espectáculo admiravel. Junto d'ella corria um ribeiro, em cujas margens um grande rebanho de cabras e ovelhas da Syria, muito dignos de se verem, comiam, com agrado, a erva. Não do este facto como averignado — apenas suppunha que comiam erva, porque lá não parecia haver outra qualquer cousa para comer. Os pastores que as guardavam não ha duvida nenhuma que eram o fiel retrato de José e de seus irmãos. Altos, musculosos, verdadeiros beduinios de tez escura, com a barba preta como tinta, tem os labios firmes, olhos vivos e majestade real no porte. Usavam o meio boné, meio capuz, em parte colorido, com as extremidades guarnecidas de franja, cahidas sobre os hombros, e a ampla tunica fluctuante orlada de largas tiras negras — o traje que vemos em todas as pinturas dos trigueiros filhos do deserto. Estes ranchos venderiam os seus irmãos mais novos, creio eu, se os lhes offercesse occasião. Tem os usos, o vestuario, a occupação e os costumes livres de seus antepassados. (Apareceram o nosso acampamento a noite passada, e não lhes tenho boa vontade). Trazem consigo os burros pigmeos que se veem por toda a Syria, e figuram em todos os quadros da «Fuga para o Egypto» onde a Virgem e o Menino Jesus vão montados, e S. José ao lado, a pé, muito sobranceiro ao costado do animal.

Mas, aqui, geralmente, o homem vai montado mais a cranca, e a mulher segna a pé. Ora, os costumes não tem variado desde o tempo do S. José. Nenhum de nós desejaría ter em sua casa um quadro que representasse S. José sobre o burro, e a Virgem Maria a pé; veríamos n'isso uma profanação, o que não succedería aos christãos da Syria. Quer-me parecer que d'aqui em diante não farei grande caso do quadro em que falei primeiro.

Não pudemos deter-nos para descansar duas ou tres horas, fóra do nosso acampamento, e claro, posto que passasse um ribeiro perto de nós. Por mandra que seguimos ainda mais uma hora. Vimos agua outra, mas em parte nenhuma havia dois palmos de sombra em todo o deserto que nos rodeava, e estavamos esbazeados de moria. «Somelhante á sombra de uma grande rocha n'uma terra arida». Não ha nada na Biblia mais bello do que isso, e com toda a certeza nenhum lugar por onde temos vaguado pode dar-lhe tão doce expressão como esta terra queimada, mas, sem uma arvore.

Aqui a gente não pára quando quer, mas quando póde. Encontramos agua, sombra nenhuma. Continuámos, a nossa jornada e por fim vimos uma arvore, mas não agua. Descançamos, tomámos lunch, e viemos parar a este lugar. Ah! Mellahah. Foi andar muito pouco para um dia, mas o drogman não quer ir mais longe, e inventou uma mentira plausível, a saber que o paiz, mais para deante, está enfiado de arabes ferozes, que tornaria o dormir no meio d'elles um passatempo perigoso. Perigosos é que elles não de sor. Trazem uma velha espingarda ferrugenta, com pedrreira nos feixos, e um cano mais comprido que elles, sem mira, que não alcança mais que uma pedra, e metado não é certo. Na grande cinta que usam, passada umas poucas: de vezes em volta da cintura, trazem duas ou tres d'essas absurdas pistolas de cavalleria, já oxidadas por eterno desuso — armas que não de dar fogo exactamente a distancia que vos permitiria fugir para o lado, e logo rebenhão e levarão pelos ares a cabeça do arabe. Quanto são perigosos estes filhos do deserto!

Fazia-me gelar o sangue nas veias ver como Wm. C. Grimes escapava aos beduinios pela zrossura de um cavallo, mas penso que o posso lor agora sem tremor. Nunca elle disse, creio eu, que foi atacado pelos beduinios, ou que alguma vez o trataram mal, mas depois em qual-quer forma, se aproximavam, e teve: uma maneira de desafiar o perigo, que é de uma pessoa ficar estarrucada: o de admirar como sentiriam os seus parentes lá muito longe, se pudessem ver o seu pobre rapaz errante, com os pés fatigados, e os olhos entenebrecidos, em tão assustador perigo; e de pensar pela ultima vez no velho dominio solarengo, na querida igreja e antiga, na vacca e couzas que tao; e de finalmente erguer o corpo á sua maior altura sobre o sellim, puxar do ssem fiel revolver, e depois mettendo as esporas ao «Mohammed» e cahindo a fundo, sobre o feroz inimigo, decidido a vender a sua vida tão cara quanto possível. Não verdade os be-

duinos nunca lhe fizeram cousa nenhuma quando elle chegou, e nunca tiveram intenção de lhe fazer cousa nenhuma, em primeiro lugar, e passavam do erro em que elle cahia fazendo todo aquelle esparafuto; mas ainda não posso desafiar-nos, por qualquer forma, da idéa de que um temeroso perigo foi conjurado pela bravura diabólica d'aquelle homem, de modo que nunca pude ler o que diz Grimes a respeito dos beduinios e dormir em seguida um sono descansado. Agora acredito que os beduinios são uma poa. Vi o monstro, e posso sobrepunha-lo. Nunca terei medo do que elle se ponha por detrás da sua espingarda e a dispare.

Cerca de mil e quinhentos annos antes de Christo este nosso acampamento junto das Aguas de Meron foi o theatre de uma das exterminadoras batalhas de Josué; Jahin, rei de Asor, (que fica all para cima de Dan) chamou para junto de si todos os sheiks, com as suas hostes, para se prepararem contra o terrivel general de Israel que se aproximava.

«Todos estes reis se vieram unir junto ás Aguas de Meron, para pelejar contra Israel.

«Todos estes sahiram com as suas tropas n'uma multidão de gente do pé tão numerosa como a areia que ha nas praias do mar, etc.

Mas Josué cahiu sobre elles e destruiu-os completamente, dos pés até á cabeça. Era o seu modo usual de pelejar. Nunca deixava margem nenhuma para controvérsias de jornaes ácerca de quem ganhava a batalha. Converteu este valle, agora tão tranquillo, n'um fumarento matadouro.

Alguns n'esta parte do paiz — não sei ao certo onde — Israel feriu outra batalha sanguinolenta com annos depois. A propheta Dehora disse a Barac que reunisse dez mil homens e sahisse a campo contra outro rei Jahin, que tinha feito não sei quê. Barac desceu do monte Thabor, vinte ou vinte e cinco milhas distante d'aqui, e deu batalha ás forças de Jahin, commandadas por Sisara. Barac venceu a campanha, e estava completando a victoria pelo methodo usual de exterminar o resto do exercito derrotado. Sisara fugiu a pé, e quando estava quasi exaustado de forças pela fadiga e pela sede, certa Jahel, mulher que parece ter sido do seu conhecimento, convidou-o a entrar na sua tenda e a descansar. O cansado soldado accedeu prontamente, e ella metto-o na cunha. Disse que tinha muita sede, e pediu á sua generosa beneficitora que lhe desse uma pouca de agua. Trouxe-lhe leite que elle bebeu com agrado, e ficou a dormir, para



olvidar em sonhos a praveza á sua batalha perdida e o seu orgulho humilhado. E, logo que adormeceu, ella entrou pé ante pé, com um martello, e cravou-lhe no cerebro um horivel prego dos que serviam na sua tenda!

Sisara, ajudando o seu profundo sono com a morte, desfalheceu e morreu. Tal é a tocante linguagem da Biblia. O «Cantico de Dehora, e de Barac» louna Jahel pelo memoravel serviço que ella prestou n'um tom de exultação:

«Bemdito seja entre as mulheres Jahel, esposa de Haber Canéo, e seja bendita na sua tenda.

«Ella deu leite ao que lhe pediu agua, e n'uma taça de principes lhe proscritou mantega.

«Estendeu a mão esquerda a um prego, e a direita a um martello dos officinas; e buacando na cabeça lugar para a ferida, deu o golpe em Sisara, trespassando-lhe com grande força as fones.

logar, e all viveram muito á sua vontade, adorando deuses de sua propria invenção, e furtando os ídolos dos vizinhos, quando se lhes tinham estragado os seus. Jeroboão collocou aqui um bezerro do ouro para fascinar o seu povo e o estorvar de fazer excursões perigosas a Jerusalem para vender culto, o que bem poderia redundar em voltarão á sua legitima obediencia. Com todo o respeito por esses antigos israelitas, não posso esquecer o facto de que elles nem sempre foram assaz virtuosos para resistir ás seducções do bezerro do ouro. Não tem desde então mudado muito a natureza humana.

Ha de haver quarenta annos que a cidade de Sodoma foi saqueada pelos principes arabes da Mesopotamia, e entre outros prisioneiros estava o patriarcha Lot, que elles trouxeram aqui de caminho para as suas terras.

Levaram-no a Dan; e Abrahão, que os perseguia, accorreu-se do mau, pela calada da noite, por entre os rumorejantes loureiros e por baixo das sombras dos carvalhos majestosos, e, cahindo sobre os somnolentos vencedores, despertou-os de seus sonhos com o tinir do aço. E apossou-se de Lot e de toda a presa.

Proseguimos. Agora estavamos n'um verdejante valle, de cinco ou seis milhas do largo, e do quinze de comprimento. Correm por elle as nascentes denominadas origens do Jordão para o lago Huleh, e da extremidade sul do lago é que mana e concentra o Jordão. O lago é rodeado por um longo paiz, onde crescem canna. Entre o paiz e as montanhas que cercam o valle ha um trato respeitavel de terreno fertil; no fim do valle, para o lado de Dan, uma porção equivalente a metade da terra é solida e fertil, e regada pelas origens do Jordão. É sufficiente para fazer uma herdade, o que justifica o entusiasmo dos hospedes d'aquella malta de aventureiros que tomou Dan. Disseram: «o paiz que vimos é muito rico e muito fertil — um lugar onde não falta nada do que se dá na terra» (Juizes, XVIII, 7 e 9).

O seu entusiasmo foi, pelo menos, garantido pelo facto de que nunca tinham visto um paiz tão bom como esse. Chegava bem para fazer sustentação dos seus seiscentos homens e de suas familias tambem.

Quando chegámos á parte plana da herdade de Dan, pudemos largar a reatas nos cavallos. Era uma circumstancia digna de menção.

Tinhamos andado a preparar a muito custo por montes e penedias interminaveis, durante dias e dias, e quando chegámos de subito a este assombroso espaço de planície sem rocha, todos mettemos esporas aos cavallos e largámos por all adeante com uma velocidade que poderíamos seguramente gosar até o excesso, mas nunca esperar na Syria.

Havia aqui signaes de cultura — o que é raro n'esto



JUPITER

DORIS FREIBREUER ROGUE

TRAFAL

REXHAFF



VICTORUS MARK

OSNAR S. GEORGES

A ESQUADRA INGLEZA DO COMMANDO DO ALMIRANTE CHARLES BEREFSPOD CHEGADA AO TEJO EM 29 DE FEVEREIRO

*Jupiter*, comandado de esquadra, de 1672 toneladas—Comandante *Doris*, de comando de capitão de mar e guerra Morgan—Comandante *Freibereuer*, de comando de capitão de mar e guerra Carleton—Comandante *Rogue*, de comando de capitão de mar e guerra Berry—Comandante *Trafal*, de comando de capitão de mar e guerra Vaughan—Comandante *Rehaff*, de comando de capitão de mar e guerra Knox—Comandante *Victorius*, de comando de capitão de mar e guerra Holt—Comandante *Osnard*, de comando de capitão de mar e guerra D. Neville—Comandante *Mark*, de comando de capitão de mar e guerra F. L. Campbell.

A esquadra chegou ao Tejo a partir para Gibraltar em 3 de março, chegando àquella parte ao dia 2.

Em Vigo saíram em desfilada os almirantes Rosell e o contra-almirante Lantier. Os

dois officiaes tinham ido passar a noite em casa da cidade, horas antes da saída da esquadra, tendo de noite de volta a bordo da *partida*, feita a ventura de contra uma barreira e offerecer um rudo combate, impellido de continuar a marcha. Tiveram, por consequencia, importantes catarrhos de volta ao Tejo a hora prevista e a capitã não se move. Inseto estava também incompleta de partir. Pelas 3 horas da noite os officiaes, de volta a bordo, de repente passaram os dois almirantes, com o almirante de desapparecimento com grande incertidã e se reuniram até ao almirante Rosell. Foram, logo ao romper da manhã, os almirantes Rosell e o contra-almirante Lantier, sendo muito festejados pelos officiaes e chegando logo a seguir e a partir para se dirigir a Lisboa.

CHRONICA ELEGANTE

Parce que algumas pessoas da nossa sociedade elegantemente projectam a próxima primavera introduzir uma



FIGURA 1

inovação nas suas habituaes distrações. Queremos falar do passeio matinal, tão agradável e hygienico, e que ha longos annos está vulgarizado em todas as grandes cidades, nomeadamente em Paris, onde se macha do Bois de Boulogne não tendo que se faça de mais distincto e concorreido. É provavel que a idea todes accção, porque o exemplo vem de alto e não deturpa de encontrar imitadores. O Campo Grande e Avenida, tão frequentados e reconhecimentos agradaveis nas horas da tarde, são de machã um verdadeiro encanto para os olhos e para os palmeos, quando o passeio radioso sol heide fulgurante sobre a nevada envolve em nebulosa verdura dos rebentos, tocada aqui e além pela nota rosada e alegre das olmeas em flor. Essas horas tão frescas e risonhas heide ainda mais e supremo prazer da simplicidade



FIGURA 2

do traje, a associação completa da pose e de convencionalismo que domozada e passeio da tarde.

O traje *travert* está a estas occasoes naturalmente indicado, e esperamos que seja esta uma occasião de accoitar bem a sua commodidade e elegancia; insublimamos a palavra por entenderem varias pessoas que só a cada é elegante.

O costume *travert* nem sempre é no genero *tailleur*, ou, se é derivado d'elle, pôde guarnecer-se de forma a imprimir-lhe aspecto mais *habillé*. O facto de ser curto torna-o comodo, mas nem sempre *séglid*.

Em todo o caso, quer a sala seja curta ou comprida,

o fato de machã deve sempre ter um caracter de distincta simplicidade. Os chapas são igualmente escolhidos nas formas *topes*, com poucas guarnições, heido as plumas, *sigelles* e pennachos que só devem acompanhar as *toilettes* mais cerimoniaes.

O panno continuará a ser o tecido preferido; heo em

*pointille* de minucias pintas de cores vivas, oubeita-se apenas de presuntos, pregas, bainhas lisas em vez e galões de todas as qualidades com alguns fios de ouro ou prata.

Alguns heides douzados ou tratados com uma gravata de tulle ou gaze de cor clara ou melhor ainda, branca, imprimem a nota brilhante e viva na *toilette*, geralmente osena, que se completa com a luva de *soie gris* ou *taupe*, e cinto de outro lavrado ou ornado de pyrogavura e o indispensavel *soie* com castão de prata ou ouro.

FIG. 1.—*Toilette* para passeio de machã, em panno azul escuro; luva de feltro azul; gravata de gaze branca.

FIG. 2.—Chapen para concerto ou theatro em feltro *gris perle* com plumas brancas.

FIG. 3.—*Toilette* de passeio em panno rizo guarnecida de veludo igual e viros de panno branco.



FIGURA 3